



Joaquim
Jardim

Nasci em Oliveira de Azeméis, em 1945. Frequentei a Escola Industrial e Comercial de Oliveira de Azeméis até aos 17 anos. Sou oriundo de uma família de agricultores com algumas posses, mas dado que era numerosa, pois tinha mais 9 irmãos, aproveitar bem os anos escolares era fundamental e como não fui admitido a exame do 4º ano senti-me na obrigação de me empregar, dado que outro irmão já o tinha feito antes. Assim o curso ficou por completar e eu entrei no mundo do trabalho. Em minha casa não havia (mesadas), nem por semana nem por mês, mas por outro lado existia a ambição natural dos jovens de se tornarem independentes economicamente.

Eu tinha um irmão mais novo que já estava inserido no mundo do trabalho nos moldes, já tinha trabalhado Belmiro da Costa Neves, e noutra oficina junto do Sanatório.

A firma Belmiro da Costa Neves era reconhecida como a escola preparatória para quem desejasse seguir os moldes, pois possuía um parque de máquinas razoável para quem gostasse de se formar rápido e bem. Esta empresa era reconhecida por ter formado muitos e bons profissionais para a área dos moldes.

Apesar de ter sido uma empresa que viveu sempre com muitas dificuldades económicas, e por uma ou duas vezes teve que ultrapassar momentos muito difíceis, a verdade é que esta empresa teve sempre a capacidade de formar jovens que se vieram afirmar como bons técnicos no futuro.

BELMIRO DA COSTA NEVES

Comecei a trabalhar na empresa nos anos 60, após ela ter falido e o tribunal ter-lhe dado uma segunda oportunidade.

Reiniciada a sua actividade produtiva sem dinheiro, o meu salário teria início após entrega dos primeiros moldes, o equivalente a ter ficado sem três meses de ordenado. Mas esse assunto já tinha ficado acordado entre nós, pois o Senhor Belmiro, tinha-me avisado que se encontrava numa situação difícil e que só me

Assim o curso ficou por completar e eu entrei no mundo do trabalho. Em minha casa não havia (mesadas), nem por semana nem por mês, mas por outro lado existia a ambição natural dos jovens de se tornarem independentes economicamente.

poderia pagar após receber dos clientes. A verdade é que a Belmiro da Costa Neves rapidamente se tornou a erguer, de tal forma que admitiu mais uns quantos jovens que ali se formaram.

Faziam-se moldes para injeção plásticos, de sopro, borracha e para baquelite, (moldes de compressão). O parque de máquinas: três limadores, três tornos, uma fresadora universal, um pantógrafo tridimensional e uma furadora de médio porte.

Gostaria de mencionar que o Sr. Belmiro foi o meu primeiro patrão, foi a primeira pessoa que me acolheu, e que me acolheu bem. Tinha uma excelente capacidade de trabalho. Recordo que ele não precisava de um estirador para desenhar um projecto de molde. Facilmente a desenhava num bloco qualquer, através das suas linhas firmes e concisas.

Era assim também no trabalho do dia a dia, uma pessoa clara e exacta, que facilmente se fazia entender. Recordo também a excelente qualidade que ele tinha como formador. Nunca mais na minha vida encontrei uma pessoa com tal clarividência. O Sr. Belmiro tinha a particularidade de ser um homem feliz mesmo que só tivesse dinheiro para viver um dia, de cada dia. Os últimos anos, sempre de boa memória foram vividos numa pequena pensão ao lado da Igreja e mais tarde no lar para idosos (Santa Casa da Misericórdia de Oliveira de Azeméis).

Recordo-me das empresas Sá Alves (de Espinho), a Pátria e a Xavi (de Guimarães), da Plásticos Santo António e outros da Marinha Grande, empresas de plásticos clientes da firma Belmiro da Costa Neves.

Em Guimarães conheci o Escultor, em moldes (filho do António Diabo). Foi o artista de bancada mais perfeito nos trabalhos que executava que eu conheci. Era um gravador escultor de pormenores altamente personalizados.

Penso que a Empresa Belmiro da Costa Neves terá sido criada em meados do anos 50 e um pouco antes do 25 de Abril de 1974 terá sido vendida ao Belarmino por quatro mil contos, apesar do Belmiro só ter recebido parte desse dinheiro.

Trabalhei lá 3 anos, entre o 1962 e 1965. Já então havia a Moldoplástico, Simoldes, Pinhos & Ribeiros, Metaloura e A. Silva Godinho. A Metaloura pertencia ao Sr. António Loura. Os financiadores tinham talhos e apoiaram-se nos jovens que frequentaram Escola Industrial. Esta firma mais tarde deslocou-se para Vale de Cambra e passou a designar-se como SITAP.

MUDANÇA DE EMPREGO

Enquanto aluno da Escola Industrial e Comercial de Oliveira de Azeméis visitei as oficinas onde se começavam a produzir os primeiros moldes, e tidas como firmas de muito futuro já para o mercado de trabalho, que ganharam fama de estar a ganhar muito dinheiro. Quando me integrei na firma Belmiro da Costa Neves reconhecia que a parte mais difícil a superar era a parte económica, já que a firma tinha um razoável parque de máquinas, que diga-se, já estavam a ficar um pouco ultrapassadas.

A firma era constituída por jovens que mais tarde, saíram para empresas com melhores salários e futuro de melhores regalias e estabilidade social garantidas. Ao aper-

ceber-me que as outras empresas estavam a evoluir e a investirem em novos e modernos equipamentos, comecei a não me sentir bem na Belmiro da Costa Neves, tanto mais que despertava para um mundo do trabalho diferente daquele que ali vivia.

O meu irmão Agostinho trabalhou na firma do Belmiro da Costa Neves até a falência em 1961. Os meus irmãos, o Júlio e o Ilídio, começaram no Belmiro em 1963 e 1964, o António Manuel (sobrinho) em 1965.

Nesta altura ele, dava-me conta da evolução das tecnologias que existiam nas empresas onde trabalhava, assim como das demais concorrentes: Simoldes, Moldoplástico e Pinhos & Ribeiros.

Um factor importante para eu pensar em sair esteve no facto do ambiente se ter degradado entre os trabalhadores. Ficávamos por vezes entregues a nós próprios, isto na ausência do Patrão. Não havia encarregado responsável, antes pelo contrário tínhamos quem demasiado brincasse. Na altura falei com o Senhor Belmiro contei-lhe o que se passava na sua ausência, o que me não agradava e das minhas ambições. Perante certa falta de coragem, procurei trabalho ou fui sondado para ir para o A. Silva Godinho em Abril de 1965.

Recordo também a excelente qualidade que ele tinha como formador. Nunca mais na minha vida encontrei uma pessoa com tal clarividência. O Sr. Belmiro tinha a particularidade de ser um homem feliz mesmo que só tivesse dinheiro para viver um dia, de cada dia.

A. Silva Godinho, tinha-se formado há poucos meses. Fizeram-me um teste, onde eu tinha que fazer uma gravação de um boneco, para um trabalho que eles tinham em carteira. O trabalho nessa altura era feito com muitas dificuldades, mas eles gostaram do meu trabalho.

SILVA GODINHO

Na modelagem chegava-se a usar o gesso e o enxofre para se criar o modelo para o pantógrafo, que por sua vez, quando se trabalhava com o aço, as partículas de aço quentes que iam sendo cortadas da peça a gravar derretiam o enxofre (modelo) criando gases e por sua vez deformando a leitura do apalpador (acessório de leitura do pantógrafo ou copiadora).

Na A. Silva Godinho tentei sempre executar o meu trabalho da melhor forma e era respeitado como exemplo de trabalhador. Ao fim de alguns meses deram-me uma máquina nova, tinha um salário que era do meu agrado e eu sentia-me bem.

Perante a necessidade da firma produzir desenho de molde de certo produto (suporte de escovas de dentes c/copo) eu prontifiquei-me de realizar os mesmos sem perda de horas do horário de trabalho, para isso sacrifiquei o Sábado de tarde e o Domingo. O material de desenho, até o esquadro T, foi o meu usado na Escola Industrial.

DESENHO DE MOLDES

O desenho foi aprovado pelo cliente americano. Ainda hoje eu vejo claro a folha do papel cavalinho e seu desenho feito somente a lápis de pau.

O A. Silva Godinho começou sem desenhador, mais tarde dava os desenhos a fazer fora e só em 1968 criaram esse lugar em falta. Tudo o que se fazia era de cabeça e com simples riscos no papel ou sobre as placas de aço.

TROPA Chegou então a altura da tropa, aos 22 anos, nessa altura o serviço militar era um grande obstáculo. Regressei da tropa após 3 anos de serviço militar obrigatório, 2 dos quais em Moçambique, não tive qualquer problema em integrar-me na empresa, que continuava a crescer e que já tinha dado os primeiros passos para a exportação.

Naquela altura as empresas eram normalmente constituídas por 4 ou 5 associados, sendo um deles o financiador e os outros técnicos ou não. Enquanto eu estive no Ultramar um dos sócios (da A. Silva Godinho) não se sentiu confortável na empresa e pediu a quota. Saiu da empresa e esperou que eu regressasse, em 1969, para me fazer uma proposta para nos estabelecermos.

Pensei na proposta, mas recusei, dizendo-lhe que se algum dia pensasse em estabelecer-me então iria ter com ele e seria com ele ou mais ninguém eu me associaria. Recusei essa proposta porque os tempos eram difíceis, era casado tinha filho e não quis trocar um trabalho certo por uma situação incerta. Penso que tinha bases profissionais para me estabelecer.

Fizeram-me um teste, onde eu tinha que fazer uma gravação de um boneco, para um trabalho que eles tinham em carteira. O trabalho nessa altura era feito com muitas dificuldades, mas eles gostaram do meu trabalho.

Regressado do Ultramar fui bem recebido na A. Silva Godinho. Convidaram-me para ir a Vigo ver uma máquina que eu considerava revolucionária, uma Deckel KF12. Era uma máquina que tinha uma estrutura totalmente diferente e uma grande capacidade de cópia em quantidade e em dimensão.

Conhecida que fui o preço da máquina, foi decidido comprar uma mais pequena, a Deckel KF2. Foi a oportunidade para me deslocar a Munich, onde estive próximo da fabricação dessas máquinas, e de outras que mais tarde a empresa adquiriu.

ENCARREGADO Eu trabalhava com o António Silva e com o Álvaro Pinho. Quando o António Silva adoeceu tive a oportunidade de me proporem para chefiar e dar continuidade ao trabalho dele. Inicialmente fiquei numa posição de transição e depois em definitivo. Fiquei nessa posição durante 26 anos que foram vividos numa espécie de cativo. ...trabalho...trabalho, muito trabalho. Digo, cativo porque nestes anos eu ainda assim, visitei quase todos os países da Europa e muitos de África. Descobri assim, porque não gosta o pássaro da gaiola.

Como encarregado geral, tive intervenções ao nível humano, perante acidentes de trabalho de que me orgulho: O José Brasileiro, hoje vivo, e quase recuperado do braço. O António Amorim (Carregosa), após acidente com uma rebarbadeira, ajudei a proteger o seu pulso e demais órgãos - hoje ele ainda é produtivo quase a 100%.

**PROSPECÇÃO NO NORTE DE
ÁFRICA**

Fiz várias viagens em Marrocos, inicialmente ainda pela A. Silva Godinho, com o objectivo de criarmos lá uma filial que nos abrisse portas em todo o Norte de África. Tive umas aulas de um curso de iniciação ao francês, que era a língua que

precisava de saber, mas tinha também confiança no entendimento com as pessoas, nem que fosse pela linguagem gestual. Os clientes diziam que não precisavam dos vendedores nas empresas, mas sim dos técnicos, e eu estava lá como técnico e eles percebiam-me perfeitamente.

Fiz então um levantamento comercial em Marrocos, e no Senegal (bastante limitado). Estive muito tempo em Marrocos e sou ainda capaz de me sentir tão marroquino quanto eles.

Cheguei a conhecer o Senegal ao serviço da A. Silva Godinho, porque passei lá semanas seguidas. A empresa de Marrocos permitia-me ter uma porta aberta para entrar nos mercados da Argélia, da Tunísia, da Líbia e todo o mercado Magreb. Entretanto na Argélia dá-se a guerra civil e no Iraque começa também a guerra. As condições para negociar nesses países sempre foram difíceis, é preciso muita confiança, créditos bancários, etc.

O A. Silva Godinho começou sem desenhador, mais tarde dava os desenhos a fazer fora e só em 1968 criaram esse lugar em falta. Tudo o que se fazia era de cabeça e com simples riscos no papel ou sobre as placas de aço.

Mais tarde a A. Silva Godinho convidou-me para voltar, mas recusei. Quando saí, a firma A. Silva Godinho era como uma família, mas nessa altura eu já não conhecia essa família e não me sentia à vontade para voltar mesmo que para lugar de destaque na empresa.

Em Marrocos, uma empresa de injeção de plásticos de Casablanca que co-
MARROCOS
nhecia o meu trabalho convidou-me. Convenceram-me e fui trabalhar para lá. Fui para lá para ficar por três anos e acabei por lá estar sete anos a fazer manutenção e a fabricar moldes novos de acordo com a capacidade dos equipamentos existentes na empresa.

Cheguei a conhecer o Senegal ao serviço da A. Silva Godinho, porque passei lá semanas seguidas. A empresa de Marrocos permitia-me ter uma porta aberta para entrar nos mercados da Argélia, da Tunísia, da Líbia e todo o mercado Magreb.

Também lá fiz a estandarização dos moldes. Quando se começa a trabalhar com moldes, compram-se os moldes onde são mais baratos, quer seja no mercado português, austríaco, tailandês, chinês ou francês. Só que os princípios da fabricação do molde em cada país são diferentes a nível de regras ou sistemas. Cada um produz o molde como bem entende e por vezes os clientes não estão preparados para receber e produzir de imediato com aquele molde. A gravura pode ser perfeita mas, por exemplo, o sistema de água, pode não ser o que está instalado no cliente. Um molde pode demorar cinco horas ou apenas 5 minutos a montar na máquina.

Fui formador de uma equipa de trabalho que ao fim de sete anos deu continuidade ao meu trabalho. Quando pedi a resignação do contracto tinha já criado

Na empresa Dimaplást, de Marrocos, e na A. Silva Godinho deixei uma parte da minha vida e muitos amigos. Estas empresas continuam com um lugar de respeito e gratidão da minha parte

as condições necessárias para que eles fossem auto-suficientes. Em Marrocos, na Dimaplast, senti-me sempre formador necessário e nunca tirei o lugar a ninguém.

Na empresa Dimaplást, de Marrocos, e na A. Silva Godinho deixei uma parte da minha vida e muitos amigos. Estas empresas continuam com um lugar de respeito e gratidão da minha parte pois foram e são exemplos de firmas com GENTE a comandar, o que hoje já não é fácil encontrar.

Do colaborador do passado, um amigo no presente.

Do colega de trabalho, um abraço sempre.

Estatueta criada e realizada em pedra ançã, por Joaquim da Silva Jardim, pela passagem dos 25 anos da Empresa A. Silva Godinho & C. Lda, e que se encontra no interior da empresa.



*Sobre esta rocha criaram-se moldes,
Moldes feitos de carinhos suor e lágrimas.
Partiam para todo o Mundo,
Qual livro aberto relido eu deixei.*

Joaquim da Silva Jardim